



## Trazendo à Luz a realidade Apurinã: Uma Jornada do Instituto Federal do Amazonas - Campus Coari após a Pandemia

Cristiane Braz Pereira <sup>1</sup>

Claudio Afonso Peres <sup>2</sup>

**RESUMO:** O Instituto Federal do Amazonas - Campus Coari iniciou uma jornada com o objetivo de conhecer e dar visibilidade às populações indígenas de Coari, no Amazonas, após o período de pandemia. Neste artigo, é destacado o primeiro passo desse percurso, que envolveu a implementação do projeto de extensão "Indígenas da Etnia Apurinã contam suas histórias". Este artigo aborda as experiências e desafios enfrentados pelo povo Apurinã na comunidade de São José da Fortaleza, na cidade de Coari-AM, com foco nas questões educacionais. O estudo baseia-se em rodas de conversa com professores e com a Cacica Maria Dione, líder da comunidade. Os resultados destacam a importância da educação como ferramenta para preservar a identidade cultural e promover o desenvolvimento das comunidades indígenas. Também discute-se a influência externa sobre os alunos indígenas, a falta de acesso à educação superior devido à infraestrutura precária e a necessidade de políticas educacionais sensíveis à cultura indígena.

**Palavras chave:** indígenas. Coari. Cultura Apurinã. educação.

**ABSTRACT:** The Federal Institute of Amazonas - Campus Coari began a journey with the aim of getting to know and giving visibility to the indigenous populations of Coari, in Amazonas, after the pandemic period. In this article, the first step of this journey is highlighted, which involved the implementation of the extension project "Indigenous people of the Apurinã Ethnicity tell their stories". This article addresses the experiences and challenges faced by the Apurinã people in the community of São José da Fortaleza, in the city of Coari-AM, focusing on educational. The study is based on conversation circles with teachers and with

---

<sup>1</sup> Cristiane Braz Pereira. Professora do Instituto Federal do Amazonas- Mestranda em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas- UFAM.

<sup>2</sup> Claudio Afonso Peres. Professor do Instituto Federal do Amazonas- *campus* Coari. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Mato Grosso- UFMT, com doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE- CAPES) na Universidade de Servilha/ES.

Cacica Maria Dione, community leader. The results highlight the importance of education as a tool to preserve cultural identity and promote the development of indigenous communities. External influence on indigenous students, lack of access to higher education due to precarious infrastructure and the need for culturally sensitive educational policies are also discussed.

**Keywords:** indigenous. Coari. Apurinã Culture. education.

## **1 INTRODUÇÃO**

Durante o período pós-pandemia, a equipe do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) do Instituto Federal do Amazonas (IFAM), campus Coari, enfrentou dificuldades na busca por informações sobre os povos indígenas da região. No entanto, graças a parcerias estratégicas com a Associação União dos Povos Indígenas de Coari (UICAM) e a Gerência de Educação Indígena da Secretaria Municipal de Educação de Coari (SEMED), foi possível superar esses desafios e adquirir um entendimento mais profundo da realidade indígena local.

A colaboração com o Núcleo de Pesquisa Aplicada (NUPA) resultou em visitas à Comunidade São José da Fortaleza, habitada pela etnia Apurinã, situada às margens do Rio Copeá. Essas visitas foram realizadas no âmbito do projeto "Indígenas da Etnia Apurinã contam suas histórias". Este projeto teve como base os princípios da pesquisa participante (FALS BORDA, 1984) e da pesquisa-ação, destacando as narrativas como fontes primárias para compreender os processos de exclusão e promover a transformação social almejada pela comunidade.

Por meio dessas ações colaborativas, foi possível compreender a rica diversidade dos povos indígenas em Coari, bem como suas lutas e conquistas. Além disso, foi estabelecido laços afetivos e efetivos com a comunidade, fortalecendo ainda mais o compromisso de apoiar e valorizar os povos indígenas locais em suas jornadas de resiliência e empoderamento.

## **2. PRESERVAÇÃO CULTURAL E DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INDÍGENA NA ALDEIA APURINÃ: UM DIÁLOGO MULTIFACETADO**

Durante a visita à aldeia Apurinã, o núcleo NEABI contou com o apoio de uma equipe multidisciplinar dedicada a proporcionar atividades lúdicas, esportivas e culturais para os aldeados. Entre essas atividades, houve a oportunidade de realizar entrevista e rodas de conversa com os professores e outros membros da comunidade.

Durante a roda de conversa com os professores, ficou evidente que a escola na aldeia é um espaço inclusivo, aberto a todos. A comunidade escolar é composta por três grupos distintos: indígenas da etnia Apurinã, indígenas de outras etnias e não indígenas, sendo estes últimos em menor número. Os professores enfatizaram que o ambiente escolar é significativamente diferente do que se observa nas áreas urbanas, com alunos notavelmente disciplinados.

A professora Eliete compartilhou que os alunos têm um forte orgulho de sua identidade indígena. Eles cantam músicas tradicionais, não hesitam em se pintar e vestir roupas tradicionais, demonstrando uma conexão profunda com sua cultura. No entanto, ela também apontou que os alunos do ensino fundamental, particularmente aqueles que vêm de fora da comunidade, enfrentam dificuldades em preservar a cultura indígena Apurinã.

No meu ver, eu vejo diferença por modalidade. Tipo eu trabalho com o primeiro aninho, meus alunos são ótimos, eu consigo manter eles na disciplina perfeito. Eles conhecem as tradições indígenas, eles gostam de dizer 'ai...' tem dia de evento indígenas eles não têm vergonha nenhuma de se pintar, eles não têm vergonha nenhuma de vestir a roupa, eles querem ser indígenas, eles cantam musiquinhas. Então lá debaixo a gente ainda tá conseguindo manter a tradição deles, agora a turma já do ensino fundamental a diferença já é grande (Professora Eliete Brito da Silva)

Ao analisar a situação dos alunos indígenas nos anos finais do Ensino Fundamental, fica evidente que aqueles que cresceram na escola demonstram um forte vínculo com suas tradições culturais. No entanto, esse apego muitas vezes é influenciado, de certa forma, por colegas de outras comunidades e pelos não indígenas, resultando em um dilema considerável.

Como consequência desse dilema, alguns alunos indígenas começam a sentir vergonha de sua própria cultura. Eles deixam de se pintar e, quando estão

na cidade, evitam identificar-se como indígenas, por temerem o preconceito devido às suas origens.

Durante nossas conversas, o grupo expressou profunda preocupação com o fato de os jovens deixarem a comunidade para estudar na cidade, o que acarreta na perda da identidade cultural, conforme mencionado anteriormente. A professora Geniuda reforçou essa preocupação, destacando que os jovens, devido à influência externa, acabam por se desconectar de suas raízes em ambientes que não valorizam nem respeitam adequadamente a cultura dos povos originários. Isso explica o receio dos mais velhos em relação à migração dos jovens para estudar fora.

Os docentes do Instituto Federal do Amazonas (IFAM) também compartilharam informações sobre o baixo número de alunos indígenas na instituição. A professora Geniuda acrescentou que, possivelmente, o número real de alunos indígenas na instituição é muito maior, mas muitos deles optam por não se manifestar devido à vergonha e ao temor do preconceito.

Querendo ou não, eles são influenciados por isso, não se identificam. Aí vem a questão do preconceito, a pessoa fica intimidada, sente envergonhado. Por isso que eles falaram aí né, no IFAM né, poucos alunos que se identificam, né. Vai ver que tem muitos indígenas, mas não querem se identificar por causa do preconceito. (Geniuda Brito da Silva)

Os docentes relataram o desejo dos estudantes de seguirem determinadas profissões no futuro, ainda assim, apesar do incentivo dos professores, na comunidade existem vários jovens que terminaram o ensino médio e não deram prosseguimento aos estudos.

Um dos principais entraves parece ser o acesso limitado às informações. Com a ausência de sinal de internet e um fornecimento de energia elétrica precário, que depende de geradores a diesel, torna-se difícil o acesso consistente a oportunidades educacionais. Mesmo que tenham conhecimento sobre avanços na conquista de direitos educacionais, eles enfrentam dificuldades para acessar esses benefícios.

Nesse contexto, surge a possibilidade de colaboração do NEABI ao informar sobre a abertura de processos seletivos para cursos diversos e auxiliar na inscrição dos comunitários, professores e alunos. A professora Eliete

ressaltou a importância do incentivo das universidades, que muitas vezes passa despercebido por esses jovens da comunidade, que enfrentam dificuldades significativas em suas vidas

Acho que o que está mais impactando nossos jovens hoje em dia é realmente a falta de incentivo das universidades, porque o tanto que a gente já formou aqui no ensino médio e tão aqui parado. (Professora Eliete Brito da Silva)

A reflexão sobre o tipo de curso e formação que interessaria aos indígenas da aldeia levou à ideia do ensino híbrido (BACICH, 2015), em conformidade com a pedagogia da alternância (CORDEIRO, REIS, HAGE, 2011), em todos os níveis e modalidades de ensino. Isso envolveria uma parte da formação na aldeia, com professores visitantes do IFAM, e outra parte na sede do município, com transporte e alojamento providenciados pela FUNAI ou pela Prefeitura. Além disso, seria necessária a mediação com material didático previamente preparado, e a curto prazo, a mediação pela internet, considerando a possibilidade de internet satelital sustentada por energia solar na comunidade.

Além das modalidades tradicionais de ensino: superior, pós-graduação, PROEJA e cursos técnicos subsequentes, chama a atenção a demanda por cursos técnicos de curta duração, especialmente na área da saúde, do manejo do pescado e de inclusão digital.

A discussão sobre a oferta de ensino médio técnico para os jovens indígenas no IFAM e como isso seria realizado levou a um debate sobre a obrigatoriedade do jovem indígena permanecer em sua aldeia. Algumas opiniões divergiram: alguns acreditam que não haveria obrigatoriedade, mas que o nativo deveria contribuir de alguma forma com seu povo; outros argumentaram que o jovem aldeado deve retornar à sua comunidade, pois, do contrário, corre o risco de perder sua identidade para sempre. Essa questão destaca a complexidade da educação indígena e a necessidade de abordagens flexíveis e sensíveis a realidade cultural e social da comunidade envolvida.

Eu creio que ele deve voltar e preservar a cultura dele. Mas também eu creio que permanência aqui, não sei! É minha opinião. Eu penso dessa forma. Se fosse eu, voltaria, daria minha contribuição quatro, cinco anos aí. (professor Alenir Carvalho de Oliveira)

O grupo, no momento, queria entender como funcionava a cabeça de um jovem indígena sobre esse assunto, por isso foi pedido o ponto de vista de uma jovem indígena que é aluna do IFAM e voluntária no projeto. Foi perguntado a ela sobre a profissão que desejava seguir e se tinha a intenção de voltar a morar em sua comunidade indígena de origem. Ela compartilhou seu desejo de seguir na sua formação atual, técnica em informática para internet, e afirmou que não planejava retornar à comunidade devido à falta de oportunidades de emprego. Ela enfatizou: "Eu penso seguir, mas como estava falando, ser indígena, mas não voltar para a comunidade, tipo isso. Porque há mais oportunidades, entendeu."

Uma das professoras discordou desse pensamento, argumentando que o verdadeiro indígena é aquele que deseja viver junto de sua comunidade. Essa observação causou certo desconforto na jovem, que tentou explicar que tinha orgulho de suas origens, mas que a saída da comunidade lhe proporcionou oportunidades que não teria tido se não tivesse saído, como o acesso ao Instituto Federal.

Edson Rodrigues, um aluno do PROEJA do IFAM, membro da etnia Kambeba e idealizador da TV Coari, um canal digital amplamente acessado no município, também contribuiu para a discussão. Ele esclareceu que, tradicionalmente, era proibido para seu povo viver fora da aldeia, mas ao longo do tempo, essa perspectiva mudou. Edson compartilhou que uma parte de sua vida foi vivida em uma comunidade rural, em sua comunidade, mas as condições precárias da região o limitaram, especialmente em relação à educação. Atualmente, a contribuição que ele pode oferecer à sua comunidade se deve às oportunidades que lhe foram proporcionadas na área urbana, onde as condições são um pouco melhores.

A Etnia Kambeba tem a tradição de nenhum dos seus integrantes sair da comunidade. Se alguém gostar de uma kambeba, ele vai ter que casar e ficar dentro da aldeia. A mesma forma do homem. Então eles não têm esse costume, de expandir os indígenas para outros lugares, eles querem que fique lá. No meu ponto de vista, eu tive que sair da minha comunidade. Nasci e me criei na zona rural até meus quinze anos e por falta de oportunidade, falta de estudo com dez anos eu entrei na escola. Nesses dez anos que convivi, aprendi muito pouco. Que a educação na zona rural é uma precariedade, eu digo assim, porque nós não temos aula diretamente, tem falhas na questão de transporte, a

questão de chegar, a questão da formação dos professores. Então fui para a cidade estudar, foi daí que comecei ter essa aproximação de buscar a minha identidade, né. Então abriu-se uma ala para mim, hoje estou voltando à comunidade que nasci trazendo essa boa nova. (Edson Rodrigues)

Contribuindo com a discussão, a Cacica compartilhou um sonho profundo e significativo que nutre para sua comunidade. Ela expressou o desejo de ver sua aldeia bem estruturada, com acesso à internet, uma escola bem equipada, casas de alvenaria, fornecimento de energia elétrica estável, e uma equipe de saúde eficaz, entre outras melhorias. Esses elementos, ela observou, são comuns em algumas comunidades que teve a oportunidade de conhecer.

Para a Cacica, é claro que melhorar a qualidade de vida dos indígenas é fundamental para aqueles que desejam continuar vivendo de acordo com suas tradições e no habitat tradicional. Ela vê essas melhorias como uma maneira de equilibrar a preservação da cultura indígena com a melhoria das condições de vida, oferecendo aos jovens a possibilidade de escolherem permanecer em suas comunidades e fortalecer sua identidade cultural.

Professor, sempre eu digo que se eu não morrer daqui a 5 a 10 anos, se eu não morrer. Eu tenho tanta fé no meu Deus, no Tupã que vai me ajudar, eu quero ver a minha aldeia como o rio Cuieiras, né. A comunidade indígena Três unidos que é, fui lá numa conferência de estado de políticas indígenas lá. Uma comunidade, uma aldeia organizada, sempre digo para os meus professores, né. Falo aqui pra eles: informática, tem o posto de saúde indígena, restaurante... É o meu sonho... (Cacica Maria Dione)

### **3. NOTA CONCLUSIVA**

Este artigo oferece uma visão abrangente das experiências e desafios enfrentados pela comunidade Apurinã em São José da Fortaleza, com foco nas questões educacionais.

Colaborações com associações indígenas e ações de campo permitiram uma compreensão mais profunda das questões educacionais e culturais enfrentadas por essa comunidade. A escola é vista como essencial para preservar a identidade cultural dos alunos indígenas, mas há desafios, incluindo influências externas e falta de acesso à educação superior.

A migração dos jovens para estudar fora da comunidade é discutida, destacando a complexidade da educação indígena.

É de grande importância que haja políticas educacionais sensíveis à cultura indígena e melhoria das condições de vida nas comunidades para fortalecer a identidade cultural e oferecer oportunidades de escolha aos jovens. O projeto enfatizou a relevância da educação para fortalecer as comunidades indígenas e enfrentar os desafios contemporâneos.

## REFERÊNCIAS

AUSUBEL, D. **Aquisição e retenção de conhecimentos**: uma perspectiva cognitiva. Lisboa: Plátano, 2003.

BACICH, L. Ensino Híbrido: Personalização e Tecnologia na Educação. *Tecnologias, Sociedade e Conhecimento*, Campinas, v. 3, n. 1, dez. 2015.

BESALÚ, X. **Diversidad cultural y educación**. Madrid: Síntesis, 2002.

CORDEIRO, G. N. K.; REIS, N. S.; HAGE, S. M. **Pedagogia da Alternância e seus desafios para assegurar a formação humana dos sujeitos e a sustentabilidade do campo**. *Em aberto*, Brasília, v. 24, n. 85, p. 115-125, abr. 2011.

FALS BORDA, O. **Aspectos teóricos da pesquisa participante**: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: BRANDÃO, C. R. (Ed.). *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FREIRE, P. **Educação e Atualidade Brasileira**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guaciara Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

WALSH, C. **Interculturalidad crítica y educación intercultural**. La Paz, Bolívia. Convenio Andrés Bello, 2010.

OLIVEIRA, A. C. B de; SANTOS, C. A. B dos; FLORÊNCIO, R. R. Métodos e Técnicas de Pesquisa em Educação, *Revista Científica da Faculdade Sete de Setembro*, Afonso, v. 13, n. 21, 2019.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18.ed. Livro Eletrônico. Cortez, 2022.